



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

## **A EDUCAÇÃO EM AGOSTINHO DA SILVA E A CONSTRUÇÃO DE UMA COMUNIDADE FRATERNA “POR VIR”**

Francisca Dulcelina Feitosa Cavalcante<sup>218</sup>

Mestranda da Faculdade de Educação da UFC

Francisca Geny Lustosa<sup>219</sup>

Professora Doutora da Faculdade de Educação da UFC

### **RESUMO**

O presente artigo se reporta a Agostinho da Silva, filósofo e pedagogo, português, que viveu no Brasil, de 1944 a 1960. Foi homem de ação que construiu universidades federais, na Paraíba e em Santa Catarina. Desconhecido no meio acadêmico, contribuiu para a filosofia da educação, com a obra “Educação de Portugal”, que vai além, na educação comparada, que pode ser aplicada em qualquer país. Com ideias muito além do seu tempo, o autor idealizou a construção de uma comunidade fraterna “por vir”, que tem no amor, na perfeição, na liberdade e na educação, valores fundantes. Usou-se de metodologias bibliográficas e se conclui que o filósofo em questão não é “utópico” por ser. Suas ideias constituem um legado que nos convida à autorreflexão e à ação, para a construção de um novo mundo, no qual o amor, o respeito, a tolerância são presentes.

**Palavra-chave:** Agostinho da Silva. Educação. Comunidade fraterna

### **Introdução**

O presente artigo pretende apresentar alguns tópicos referentes ao pensamento de Agostinho da Silva sobre educação e sua utopia em construir uma comunidade fraterna, na qual, tem a educação como um valor fundante.

George Agostinho Baptista da Silva, nasceu a 13 de fevereiro de 1906, na cidade de Porto, Portugal e faleceu em 1994. Filho de Francisco José Agostinho da Silva e de Georgina do Carmo Baptista da Silva. Em 1944, veio morar no Brasil, deixando Portugal por motivos políticos, fugindo do “lazarismo” e aqui ficou até o ano de 1969.

Gostava de ser chamado, simplesmente por Agostinho da Silva e debruçou toda a sua vida à ação política focada na educação, atuando imensamente no nosso país na criação de algumas universidades federais brasileiras, como a da Paraíba e a de Santa Catarina, e criação de centros de estudos. Sua formação foi a filologia mas atuou como um grande mestre e pedagogo, gostando de ser chamado “professor”.

---

<sup>218</sup>E-mail: fd\_dulcelina@yahoo.com.br

<sup>219</sup>Email: e-mail: franciscageny@yahoo.com.br



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

Agostinho da Silva não é um autor fácil de ser estudado. Para melhor compreendê-lo, faz-se necessário conhecer o seu método. Na busca de conhecimentos sobre sua teoria filosófica e pedagógica, nos deparamos com a dificuldade em reunir obras sobre o referido autor, uma vez que essa é composta por textos dispersos, ensaios, correspondências epistolares. Sua obra se constitui de fragmentos e não, verdadeiramente, de imediato, um sistema compilado.

Fernando Cristóvão (2008, p. 165) informa que a obra de Agostinho da Silva é uma verdadeira espiral que aos poucos vai formando todo um sentido. Não é linear, nem direto, ora, ao “estilo” de Pessoa<sup>220</sup> usou de estratégia dos heterônimos, de forma complexa. Ora afirmava, ora negava, recorrendo às múltiplas possibilidades que a retórica possibilita. Agostinho da Silva usava de símbolos, em espiral ou em formulações dilemáticas ou hiperbólicas.

Esse perfil metodológico do autor é resultado de sua formação, pois estudou os clássicos. Muitas vezes usava do método socrático, através da maiêutica<sup>221</sup>. Ora se apresentava em lugares públicos, expondo seu pensamento, ou então, usando símbolos, ou espirais, nas escritas, de modo que seu pensamento não é linear. No entanto, uma vez que o seu estudioso, consegue vencer o desafio de interpretá-lo, reconhece, no autor, a presença de um sistema.

Assim, entendendo melhor o método utilizado por Agostinho da Silva, pudemos garimpar suas ideias contidas em diversos textos sobre educação para a qual tecemos uma análise.

### **Educação em Agostinho da Silva**

O discurso de Agostinho da Silva sobre educação é encontrado em praticamente todos os seus textos, mas é sobretudo em “Educação de Portugal”, que constatamos uma presença mais contundente, de maneira que visualizamos, uma verdadeira filosofia da educação, embora o autor não se reconheceu, em nenhum momento, como filósofo, ou mesmo criador de sistema. O teor das discussões ali contidas é tão atual e ao mesmo tempo universal, que serve para ser contextualizada em qualquer país.

Creemos que em “Educação de Portugal” Agostinho da Silva faz uma análise que não se aplica apenas em Portugal. São muitos aspectos comuns, que podem ser aplicados em todos os países do Ocidente. Sua análise crítica corresponde a uma verdadeira análise comparativa em educação, desta forma ele aduz:

---

<sup>220</sup> O poeta Fernando Pessoa, de quem Agostinho da Silva era um profundo adepto.

<sup>221</sup> Na literatura, o método socrático é baseado na maiêutica, palavra de origem grega que significa parir, botar para fora, ou mesmo dar à luz. Sócrates costumava se reunir com as pessoas, em locais que hoje seriam as praças públicas e, através de diálogos, fazia com que as pessoas botassem para fora seus pensamentos.



## Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

Creio [...] que o mundo em nada nos melhora, que nascemos estrelas de ímpar brilho, o que quer dizer, por um lado, que nada na vida vale o que somos, por outro lado que homem algum pode substituir a outro homem. Penso, portanto, que a natureza é bela, na medida em que reflecte a nossa beleza, que o amor que temos pelos outros é o amor que temos pelo que neles de nós reflecte[...] e que afinal Deus é grande na medida em que somos grandes nós mesmos: o tempo que vivemos, se for mesquinho, amesquinha o eterno[...] (Agostinho da Silva em Educação de Portugal, in *Textos Pedagógicos II*, 2000, p.90).

Face o método do autor constituir-se em espiral, procuramos, neste artigo, apresentar, alguns tópicos considerados relevantes sobre educação, na obra “Educação de Portugal”, mas não exclusivamente nela, o que mencionamos outros textos.

### Ser Professor

Agostinho da Silva considera que todos devemos ser professores de todos. Cada um deve ensinar um pouco do que sabe, “quer na alfabetização, quer no entendimento do mundo em que se vive”, não ficando nenhum aspecto ignorado.

Ele considera obsoleto o conceito herdado de uma falsa educação dos séculos XVII e XVIII, de que ser culto é saber pintura, história ou música, e não geologia, astronomia, física. Ainda acrescenta uma crítica ao fato de Filosofia ter de ser ensinada nas Faculdades de Letras e não nas de Ciências, pois se assim fosse levada em conta, nas Faculdades de Ciências, entender-se-iam o que significam os conceitos fundamentais da matemática.

Ele assevera que:

Ninguém sabe tão pouco que não possa igualmente ser professor; os que forem das cidades a ensinar o povo, cujas aldeias também estão nas favelas e nos bairros de lata, deverão ir com apetência e a humildade necessárias para entender que o povo lhes pode ensinar a eles muito mais; inclusive a mais animadora das lições: a de que são melhores do que pensavam. Como igualmente não devem esquecer que a suprema lição que podem dar a quem ensinam é a de que[...] a humanidade não morreu[...]. (Agostinho da Silva em Educação de Portugal, 1970, in *Textos Pedagógicos II*, 2000, p.117)

Com este pensar Agostinho da Silva assevera em “Educação de Portugal” toda a sua fé, na educação, que constituiria um fundamento, na construção de um mundo novo. Um mundo não apenas de Portugal, mas de todos aqueles que falam a língua portuguesa. Vejamos, portanto, o que ele contextualiza:

[...] a humanidade não morreu e, por ser ter conservado oculta por mais tempo, pode agora socorrer os que comprometeram a sua em tarefas de técnica; gente de língua portuguesa, e quanto mais carregada a cor maior a possibilidade, é a que, por conduzir pacificamente à vida plena povos dela destituídos, mais pode ser vista como a guia de todos os que procuram construir um mundo novo; urge despertá-la e prepará-la”. (Agostinho da Silva em Educação de Portugal, 1970, in *Textos Pedagógicos II*, 2000, p.117-118).

### O valor da leitura

Agostinho da Silva também nos informa sobre o valor da leitura. Para ele, a leitura não deve ser divorciada da realidade das coisas, da capacidade de sonhar e de se realizar projeto.



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

Professor, ou a Universidade precisa estar atento ao preparo de textos que informem do que se passa, que tragam a totalidade dos fatos ao nosso conhecimento. Para ele, tal tarefa poderia ser dada à imprensa, mas na verdade, esta, que à época se referia, aos jornais, estão subordinadas a interesses econômicos que não são os do povo.

Por isso Agostinho da Silva ver uma responsabilidade muito grande para o professor e para quem é aluno, quando ele assevera que:

[...] Muito podemos comunicar ao povo do que nós próprio estudamos e aprendemos, resumindo, ampliando ou comentando, sem que tenhamos de recorrer a jornais ou imprimir o que escrevemos; podemos suprimir muito do tempo que gastamos em correspondência social [...] para dizer ao povo que se está avançando sempre apesar dos inevitáveis retrocessos, que há luz brilhante no extremo do túnel e que é na medida em que nos esforçamos por que se realize, plena, a nossa humanidade que corresponderemos ao que de nós espera o Espírito; ao qual, se me dão licença os críticos, continuarei chamando Santo. (Agostinho da Silva em Educação de Portugal, 1970, in *Textos Pedagógicos II*, 2000, p.119).

Agostinho da Silva é um pensador muito complexo e, outras vezes simples. Pelo próprio método que, pelo menos no seu início de vida pedagógica adotou, a maiêutica socrática, acreditamos que, quando assegura uma responsabilidade a cada um de ser professor e aluno, permitindo uma comunicação para o povo, de modo que a leitura seja clara, sem comprometimentos políticos ou econômicos, o que está fora da esfera dos jornais, pelo menos, do tempo político que viveu em Portugal. Para ele pela própria vida se faz a educação, daí o caráter de responsabilidade que compete a cada um de nós.

Agostinho faz uma interpretação antropológica do homem, que o leva a santidade, aqui, mesmo na terra, que ele considera o paraíso. Por isso está sempre a se referir à santidade do homem, mas não nos compete, discutir essa linha do pensamento do autor, nesta pesquisa.

### **O respeito às diferenças**

Agostinho da Silva foi um homem muito além do seu tempo. Um homem que desde muito já sabia o valor do respeito às diferenças, as crenças religiosas, a tolerância. Branco (2006, p. 69) corrobora com nosso pensamento ao afirmar que o conteúdo de ideias legado por ele, tem hoje adquirido, desde “os mais recentes acontecimentos mundiais constitutivos de um tempo pós-11 de Setembro de 2001, uma pertinência e uma actualidade particularmente fortes”, citando por exemplo a “hodierna problematização dos conflitos civilizacionais e inter-religiosos”.

Corrobora o nosso entendimento o texto escrito por Agostinho da Silva “Fontes e Pontes do Futuro”<sup>222</sup>, escrito em 1972 no qual ele nos diz que “cada homem, cada ser, é um e

<sup>222</sup> Texto contido em *Dispersos*, página 575-579





**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

diferente” e tudo vai convergindo para a “unidade divina” e que devemos considerar, cada um, “como indivíduo, com sua espantosa riqueza de predicados, a que eu, pelo menos agora, não chamo qualidades ou defeitos, por me parecer que são uma coisa conforme a ocasião, o emprego e o modo, embora provavelmente a causa do pecado contra o Espírito não seja modal mas essencial[...]”.(Agostinho da Silva em Fontes e Pontes do Futuro, *in Dispersos*, 1998, p.578).

Em outro texto, “Nota a Cinco Fascículos” Agostinho da Silva vai tratar de religião e educação. No que diz respeito à religião ele relata que considera um dos assuntos mais difíceis do mundo, mesmo assim, acaba se metendo e dando opinião. É sempre convicto de que servir ao próximo é um grande testemunho de fé, que os homens tenham plena liberdade, econômica, de saber e de pensar e que os homens pensem que “a vida inteira tem de ser escola para todos e que o caminho para isso é o de escolas mais abertas, cada vez com menos predomínio dos professores”, e cada vez “mais centradas nas possibilidades criadoras da criança”. (Agostinho da Silva, Nota a Cinco Fascículos, *in Dispersos*, 1998, p.543).

Assim, Agostinho da Silva relaciona seu pensamento religioso e educacional, de modo que tenhamos que travar uma revolução em nós mesmos, que usemos de um diálogo, de modo que:

Temos de estudar muito, de pensar muito e, sobretudo, de ser muito, com todas as dificuldades que nos levantam ou natureza ou hábitos ou ambiente ou ambições; tem de nos ser pão cotidiano a diária humilhação de nos sentirmos piores do que queríamos ser; temos de saber e sentir e nos convertermos ao que são os homens do zen ou do candomblé, até que encontremos, e sejamos, a essência que a tudo liga; [...]. Se o não fizermos, não cumpriremos o ao que viemos; e que dirá quem nos mandou quando chegarmos de mãos vazias e olho baixo? (Agostinho da Silva em Nota a Cinco Fascículos, *in Dispersos*, 1988, p.544).

Desse modo, cada um precisa fazer, internamente, a sua revolução pessoal, reconhecendo suas limitações, suas diferenças e imperfeições, para quem sabe chegar à perfeição. Neste processo de revolução interna, de buscar a si próprio, o respeito às diferenças, às religiões devem ser levadas em considerações.

### **Sobre a universidade**

E por fim, trazemos o que Agostinho da Silva pensava a respeito da Universidade. Homem bastante vivido, de grandes experiências no contato direto com o mundo acadêmico, não que tenha sido durante muito tempo professor universitário, pois do que foi observado, ele ensinou durante poucos períodos de sua vida na universidade. O que se constata, num estudo biográfico profundo, é que ele trabalhava na construção, direta de cursos, de Universidades. Como já mencionado, ajudou a criar a Universidade Federal da Paraíba, a Federal de Santa Catarina e passou algum tempo na Universidade de Brasília.



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

De sua visão sobre o assunto, Agostinho da Silva condenava veemente o fato de o aluno ter somente teorias, não conjugando com a prática. Ele defendia veemente a pesquisa dentro da universidade e considerava absurdo o aluno ser obrigado a acreditar, em Química, que há oxigênio porque o professor falou e não iria lhe mentir.

Para ele, o aluno que “nunca viu, que nunca olhou, com o qual nunca fez nenhuma experiência, que tem que acreditar na palavra do professor, que não tem acesso a um microscópio, a instrumentos que o façam acreditar no que está na teoria, no livro de Química, como pode então aprender? Ele defendeu a pesquisa como fundamental dentro de uma universidade.

Salientou ainda a grande dificuldade que o professor universitário tem de levar o aluno a ler, pois o “aluno universitário lê o menos possível, uma vez que não foi treinado para a leitura e pesquisa o menos possível” porque não foi “treinado para a pesquisa, quando isso é na realidade aquilo que responde a sua psicologia íntima”.<sup>223</sup>(Agostinho da Silva em Educação de Portugal, 1970, in *Textos Pedagógicos II*, 2000, p.55).

Agostinho da Silva foi muito crítico da atuação da Universidade, para o qual defendia profundas reformas. Em vários textos, enaltece o fato de Portugal não ter permitido a criação de universidade no Brasil, que para ele, não significou nenhum atraso. Assim ele asseverou:

A Universidade serviu apenas para criar um falso escol e os que se comportaram de outro modo o conseguiram apesar da Universidade, não por ela. O que os portugueses fizeram depois no Brasil, não fundar Universidade alguma, era o que D. Dinis devia ter feito em Portugal[...] e se o comportamento português foi, no Brasil, o que devia ser, a razão é ter o Brasil sido feito pelo povo e não pelos dirigentes e saber muito bem o povo que a Universidade nunca lhe serviu para nada e ter o instituto de que, muito ao contrário, só lhe tem sido prejudicial[...] discutível quando forma professores, que então começa ela a deixar de ser simplesmente escola técnica de terceiro grau, para principiar a não ser, como devia, o organismo que pensa a comunidade e seu lugar no mundo [...].(Agostinho da Silva em Educação de Portugal, 1970, in *Textos Pedagógicos II*, 2000, p.120).

O que Agostinho da Silva quis dizer sobre o fato de, durante séculos, o Brasil ter ficado sem universidade é que para ele, não significou nenhum atraso. Atraso seria se tivessem sido implantadas aqui, universidade com filosofia velha, desatualizada, própria da Europa, que não serviria à estrutura do povo brasileiro. No Depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito, quando convocado para falar sobre o fechamento da Universidade de Brasília, que não nos interessa aqui comentar, ele deixa seu ponto de vista sobre isto bem clarificado. Por isso ele é a favor de reformas, dentro da universidade, que é emergente, na sua concepção, não só em Portugal, mas em todo o mundo.

---

<sup>223</sup> A opinião de Agostinho da Silva sobre a leitura e pesquisa no Depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito, texto inserto em “Textos Pedagógicos II”.



## Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

Agostinho critica o fato de a Universidade não se preocupar em formar o homem, fato preocupante, já naquela época:

[...] A crítica que se faz, portanto, à Universidade é que ela está por vários motivos não contribuindo para formar o homem. Esse problema preocupa todos os educadores e naturalmente preocupará mais os educadores brasileiros e preocupará o Brasil onde vêm defeitos particulares, defeitos locais, juntar-se-á os defeitos da Universidade em geral[...].(Agostinho da Silva in Textos Pedagógicos II, p.37).

Agostinho da Silva ressalta, talvez, o fato de na época, não existirem condições econômicas no Brasil, para o bom desempenho das universidades, mas, ainda que houvessem, o fundamental não seria a formação apenas de técnicos, mas uma boa formação humana.

[...]. Enquanto não houver no Brasil condições econômicas suficientes para que todo o povo possa ascender à cultura e tenha possibilidade de chegar às Universidades, nós estaremos fazendo uma Universidade mais ou menos boa tecnicamente – e podemos fazê-la sob o ponto de vista técnico – mas estaremos fazendo sempre uma Universidade deficiente sob o ponto de vista humano. [...].(Agostinho da Silva in Textos Pedagógicos II, p.46).

### A Comunidade Fraterna “por vir” em Agostinho da Silva

Na interpretação da essência dos textos de Agostinho da Silva podemos fazer uma hermenêutica de seu pensamento acerca de comunidade fraterna humana, no qual o autor projeta um tempo a “advir”, a partir do mundo que vivemos. O nosso tempo (a nossa comunidade atual) se caracteriza por ser imperfeita, com limitações existentes. Na comunidade fraterna, idealizada, buscar-se-ia melhoramentos, visando a perfeição, na compreensão de Agostinho. Existe uma profunda interconexão entre as ideias de comunidade fraterna, educação, amor, “Quinto Império”<sup>224</sup> e “Idade do Espírito Santo”<sup>225</sup> que perpassa todo o pensamento de Agostinho da Silva que, embora se apresentem como textos muitas vezes fragmentados, esparsos, a partir de um “olhar” cuidadoso do estudioso de seu pensamento, descobre-se um sistema, que constitui uma “filosofia educacional”, embora como já citado, este não se considere um filósofo.

A Comunidade Fraterna de Agostinho da Silva apresenta traços antropológicos, no qual a educação é um valor fundante que leva a ética do amor e santidade e se inspira nos ideais paracléticos do “Quinto Império” e na “Idade do Espírito Santo”. Não nos reportaremos, nesta

<sup>224</sup> Utopia idealizada por Agostinho da Silva, para o qual num período entre dois a vinte séculos ocorrerá uma transformação social no mundo, no qual não haverá mais capitalismo e todos terão suas necessidades materiais satisfeitas e religiosas também. O Quinto império é toda uma organização social e política, que ele reconhece que Portugal seria o local ideal, mas não o Portugal de hoje, o Portugal que hoje o mundo fala e sentem os portugueses, o que nos leva a ver, nesta literatura, a idealização da comunidade lusófona.

<sup>225</sup> O Culto do Espírito Santo foi trazido por Isabel de Aragão (na História de Portugal), conhecida por Rainha Santa, que teve contato, em algum momento, com as teorias de Joaquim de Flora, que foi um teólogo, abade cisterciense que desenvolveu uma sistematização doutrinal baseada na interpretação da literatura apocalíptica de São João. O Espírito Santo é simbolicamente representado pela criança, para Agostinho da Silva, que representa a pureza, a inocência a constituir o Quinto Império, tópicos estes discutidos na dissertação da pesquisadora.



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

oportunidade, a falar sobre estes ideais, apenas o mencionamos, asseverando que o amor, enquanto categoria fundante, se encontra em diversos momentos de seus escritos, assim como a perfeição, que ele considera o único dever do ser humano.

Agostinho da Silva por ser um excelente educador e acreditar no valor incomensurável de cada ser humano, entendia a comunidade a “advir” como resultado de um processo, no qual as categorias perfeição, amor, liberdade e educação seriam metas a alcançar.

Nessa forma de pensar sobre como seria essa comunidade, temos que considerar alguns pontos-chave, nas ideias de Agostinho da Silva, para uma melhor compreensão, como por exemplo, o fato dele ser um verdadeiro “asceta”, que, como nos diz Paulo Borges (2006, p.97) que “exorta a uma ética da assunção” na qual o homem não é só capaz de “realizar a transcender todo o possível” como ser capaz de ir além, realizando o “impossível como o valor e fim supremo a consumir ou manifestar em vida, traduzido num pôr-se ao serviço da promoção do mesmo em todos os homens, sem esquecer o cuidar o bem de todos os seres vivos”.

O pensamento de Agostinho da Silva sobre essa comunidade envolve uma crença na compreensão e união em cada homem e em cada povo para que “se levantem as barreiras”, lancem estradas de paz e que toda a nossa energia seja empregada em um mútuo entendimento. É preciso que “ponhamos de lado todo o instinto de particularismo e de luta, “alarguemos a todos a nossa simpatia”. Compreensão e união caracteriza essa comunidade. Assim Agostinho da Silva assevera:

Reservemos para nós a tarefa de compreender e unir; busquemos em cada homem e em cada povo e em cada crença não o que nela existe de adverso, para que se levantem as barreiras, mas o que existe de comum e de abordável, para que se lancem as estradas da paz; empreguemos toda a nossa energia em estabelecer um mútuo entendimento ; ponhamos de lado todo o instinto de particularismo e de luta, alarguemos a todos a nossa simpatia.(AGOSTINHO DA SILVA, em Considerações, in Textos e Ensaios Filosóficos I, 1999, p.117) .

Agostinho da Silva considera a perfeição como o único dever do ser humano e é uma outra característica de seu pensamento, fundamental para a existência da comunidade

Quanto a nós mesmos, nenhuma vida tem qualquer significado ou qualquer valor se não for uma contínua batalha contra o que nos afasta da perfeição que é nosso único dever. Tão estranha e maravilhosamente somos compostos de eternidade e de tempo que, sendo a nossa única e real vocação a de ser santos, a cada passo nos estamos especializando, nos estamos deixando arrastar e prender por todos os outros fragmentos de vocação ou por todo o passageiro chamamento que por acaso ouvimos. E este é nosso primeiro ponto de combate: o de não deixarmos que o que é puramente temporal tome em nossas vidas o lugar que se deve ao eterno – (Agostinho da Silva em Ritmos de Marcha, in Textos e Ensaios Filosóficos II, 1999, p. 82)

Em outro momento, ainda sobre a perfeição. Assim temos: “No Reino Divino, na organização humana mais perfeita, não haverá nenhuma restrição de cultura, nenhum coacção de





**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

governo, nenhuma propriedade. A tudo isto se poderá chegar gradualmente e pelo esforço fraterno de todos” (AGOSTINHO DA SILVA, 1999, p.82).

O **amor** é uma categoria presente em Agostinho da Silva. Afinal, que amor é esse? É bom lembrarmos que Agostinho da Silva segue a tradição dos clássicos. É adepto de Platão e Sócrates. Diotima é uma obra de Platão que se refere ao amor e Agostinho da Silva, durante algum tempo de sua vida, traduziu os Clássicos. Em várias obras ele se refere ao amor. Vejamos:

[...] a acção só vale quando é feita como um exercício, e um exercício com amor, quando é feita como uma ascese, e uma ascese por amor de que se liberte o Deus que em nós reside. E se a acção implica amargura, o que há a fazer é mudar de campo: porque não é a acção que estará errada, mas nós próprios – (AGOSTINHO DA SILVA, 1999, p. 63)

Paulo Borges (2006, p.123) faz um resumo do pensamento filosófico de Agostinho da Silva sobre o ser, conhecer, agir, criar, amar. Poesia, filosofia e ciência. Ele nos diz que Agostinho da Silva é “Pensador à margem da tradição acadêmica dos professores de filosofia e dos filósofos profissionais, conversador, ensaísta e provocador de idéias e acções mais do que doutrinador” e coloca que Agostinho considera que a filosofia é inseparável da vida, na sua dimensão comunitária, prática e dialogante. Agostinho da Silva coloca que:

[...] o amor supera as possíveis mediações que são filosofia, ciência, arte e política na experiência imediata dessa unidade inefável em que fulgura a Verdade oculta a toda a dualidade e antinomia conceptual, a começar pela que se estabelece, em todas as restantes dimensões da experiência humana, entre sujeito e objecto. (AGOSTINHO DA SILVA, 1999, p. 63, in Textos e Ensaios Filosóficos II)

O pensamento Agostiniano é o tempo todo voltado para o amor. Um amor “omnicomprensivo e unitivo que sendo místico, no sentido de consistir na fusão com o fundo último e inexprimível do real, não deixa de ser criador”, que se consubstancia no “Infinito” agostiniano que compreende “o humano e divino, no qual Deus e as mentes co-inventam a cada instante a si e ao mundo.”. (Agostinho da Silva. Uma antologia, in Paulo Borges, 2006. p. 123)

Filosofia é pensar, é autorreflexão. Assim, com Agostinho da Silva temos que pensar “sempre inseparável do exercício desse amor poético que não tanto objectiva o real quanto o transfigura e recria numa ordem superior de possibilidade”. (Agostinho da Silva. Uma antologia, in Paulo Borges, 2006. p. 123)

É importante salientar que no seu pensamento filosófico, Agostinho da Silva privilegia uma categoria que é a comunidade fraternal. Nela, duas categorias estão sempre presentes: o amor e a perfeição; além, é claro, do **culto ao Espírito Santo**, na qual, o Espírito Santo é representado pela figura da criança. Nessa comunidade idealizada, todos os contrários se harmonizam, com a presença de Deus e do amor, que supera a ciência, a arte, a filosofia e a política. Assim temos:



## Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

[...] que filosofias pitorescas são essas que pretendem explicar o mundo e têm de bulhar? Uma filosofia, ao que eu entendo, tem de ser uma explicação total do universo: porque não inclui então aquele que nos apreze como adversário? [...] Dirá você que uma concepção dessas, em que todos os contrários se harmonizam, só é possível em Deus. Vamos então nós desistir de chegar a Deus? Essa, para mim. É que é a grande tarefa filosófica, como é a grande tarefa da arte, da ciência, da religião e da sociologia ou, melhor, da política. Do amor também: do amor sempre, porque, se é verdadeiro, ele supera a ciência e a arte, a filosofia e a política - *Sete Cartas a um Jovem Filósofo* [1945], in *Textos e Ensaios Filosóficos I*, p. 262". (Agostinho da Silva. Uma antologia, in Paulo Borges, 2006. p. 128).

Entendemos que no ideal de comunidade fraternal que está por vir, conforme assevera Paulo Borges (2006, p.270), teremos uma “Idade Nova, Universidade Nova”, na qual: “não haverá doutrina que se imponha, mas simplesmente amor que se liberte; não haverá mestres que ensinam, haverá simplesmente mestres que estudam; não teremos separação entre os que sabem e os que não sabem e terá a cultura deixando de ser a terrível barreira que se tem levantado entre os homens”.

Resta por fim dizer que nesta comunidade fraterna “por vir” idealizada por Agostinho da Silva, além do amor, da perfeição e a própria educação como valor, faz-se necessário acrescentar o valor da liberdade. Esta que se divide em três: liberdade de ser livre no viver, livre no saber e livre no criar. Ele chama esta comunidade fraterna de reino. Assim ele se pronuncia:

O reino que virá é o reino daqueles que foram crucificados em todas as épocas, por todas as políticas e por todas as ideologias, apenas porque acima de tudo amavam a liberdade e a consideravam, não ao medo, às restrições e a força, como o grande motor do mundo; o reino daquele Deus que viam definindo-se fundamentalmente por não obedecer a nada e a ninguém senão a sua divina natureza; e o reino que desejam para homens que não sintam obrigação alguma que não seja a de se aproximarem quanto possível da divindade de ser livre, livre no viver, livre no saber, livre no criar. (Agostinho da Silva, em *Educação de Portugal*, in *Textos pedagógicos*, II, 2000, p.93)

Neste reino, a liberdade só poderá ser absoluta se houver economia resolvida, pois, ninguém pode ser livre com fome. Ele diz:

tem o povo absoluta competência para comer; há muito quem pregue que é preciso primeiro educar o povo, para que depois coma, dando como resultado que têm sido os cemitérios o único real descanso de muitos da nação; coma, e depois se eduque; porque a educação que vai valer mais, aquela de que não se têm esquecido os povos prósperos, é a outra, a de voluntariamente dispensar comida, que se fica mais leve[...], (Agostinho da Silva, em *Educação de Portugal*, in *Textos pedagógicos*, II, 2000, p.112-113).

Reconhece-se, portanto, que com Agostinho da Silva que não pode haver liberdade qualquer, se houver uma economia injusta, com má distribuição de renda. Se o povo não tem o que comer, como então poderá ter educação e ser feliz? Em um dos fragmentos, que aqui não estão mencionados, é possível ver este questionamento do autor.

### Considerações

Agostinho da Silva assevera em “Educação de Portugal” toda a sua fé, na educação, que constituiria um fundamento, na construção de um mundo novo. A educação seria um guia para a construção desse mundo novo, que constituiria um reino. O que chamamos de comunidade fraterna



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

“por vir”. Homem além do seu tempo, idealizou, de forma utópica, mas não romântica, pois sua utopia pode ser vista como uma ação concreta, que tem no amor, na fraternidade, na liberdade, perfeição e educação, valores fundantes, que conduzem ao respeito às diferenças, á tolerância, valores tão atuais e discutidos, nesse momento conturbado da história que somos protagonistas.

### **Referências.**

BORGES, Paulo. **Agostinho da Silva. Uma antologia.** Lisboa: Âncora, 2006.

BRANCO, João Maria de Freitas. **Agostinho da Silva. Um perfil filosófico.** Portugal, Zéfiro, 2006.

CRISTÓVÃO. **Da lusitanidade à lusofonia.** Coimbra: Almedina, 2008.

SILVA, Agostinho da. **Dispersos.** Paulo Alexandre Esteves Borges. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1988

SILVA, Agostinho da. **Textos Pedagógicos I.** 1.ed. Lisboa: Âncora, 1999.

\_\_\_\_\_. **Textos Pedagógicos II.** 1.ed. Lisboa: Âncora, 1999.